

Eleições na Índia: projeto político de Narendra Modi afasta-se de Gandhi, apoia-se no ioga e promove-se em Bollywood

E expresso.pt/internacional/asia/2024-05-16-eleicoes-na-india-projeto-politico-de-narendra-modi-afasta-se-de-gandhi-apoia-se-no-ioga-e-promove-se-em-bollywood-87ba03fe



Os indianos estão a votar há quatro semanas e têm ainda mais duas pela frente. Dada a dimensão do país, que há meses se tornou o mais populoso do mundo, as eleições legislativas foram divididas em sete fases, que se estendem ao longo de 44 dias.

Cerca de 969 milhões de eleitores escolhem os 543 deputados à câmara baixa do Parlamento (*Lok Sabha*). Mas estas eleições significam muito mais do que isso. Em causa está também a **clarificação quanto ao rumo da Índia: prosseguir pelo caminho da democracia ou tornar-se a pátria dos hindus?**

Em sucessivas intervenções públicas, **o primeiro-ministro Narendra Modi tem esbanjado confiança** quanto à possibilidade de a Aliança Democrática Nacional, a coligação eleitoral pelo seu Partido do Povo Indiano (BJP, conservador nacionalista) **eleger 400 deputados**. Na história da Índia, apenas por uma vez um partido o conseguiu: em 1984, o Partido do Congresso (hoje na oposição) conquistou 414 assentos.

Na caça ao voto, Modi — que, aos 73 anos, busca um terceiro mandato consecutivo — não tem abdicado de acenar com a bandeira do medo, defendendo que uma vitória da oposição pode “trazer de volta o artigo 370 e colocar uma fechadura no templo Ram”, dois **episódios supremacistas hindus contra a minoria muçulmana**.

O artigo 370 da Constituição indiana conferia um estatuto especial de autonomia ao estado da Caxemira (de maioria muçulmana), mas em 2019 foi revogado. Já **o templo consagrado ao deus hindu Ram**, em Ayodhya, no estado de Uttar Pradesh (norte), **foi construído sobre as ruínas de uma mesquita** do século XVI, demolida por extremistas hindus em 1992.

A 23 de janeiro passado, Modi presidiu à cerimónia de inauguração no novo centro espiritual hindu, que, nas suas palavras, marca “o início de uma nova era”. No discurso que proferiu, Modi referiu-se sempre ao país pelo seu nome hindu — Bharat.

Uma maioria expressiva de 400 deputados daria condições ao BJP para alterar a Constituição. No preâmbulo, o texto estabelece que a Índia é “uma república soberana socialista secular democrática”.

“Secularismo, no contexto indiano, significa igualdade religiosa e de género. Mas **o BJP sempre desejou o estabelecimento de uma nação hindu [Hindu Rashtra], um Estado autoritário assente num sistema de castas, na obediência, hierarquia e no parentesco**. Os hindus são a fonte e as minorias religiosas, como muçulmanos e cristãos, não reivindicam direitos iguais”, explica ao Expresso Amit Singh, autor do livro “An approach to Hindutva in India” (Uma abordagem a Hindutva na Índia), recentemente lançado. *Hindutva* significa nacionalismo hindu.

Este cientista social indiano acrescenta que “uma nação hindu não dá direitos aos cidadãos, mas antes cria pessoas obedientes que devem ser leais à nação sem questionar. Um Estado hindu tem como modelo o *Manusmriti* [Código de Manu], um livro antigo da religião hindu que, basicamente, apresenta uma sociedade baseada na hierarquia, onde **as mulheres são obedientes aos seus homens e os homens são obedientes aos seus reis e deuses**”, diz. “É uma teocracia. **A maioria hindu nunca aceitou a Índia secular, nunca apreciou a democracia no verdadeiro sentido.**”

Comer vaca é ofensivo

Segundo o último censo, **os hindus correspondem a 79,8% da população indiana (mais de 1450 mil milhões) e os muçulmanos a 14,2%**. A histórica inimizade entre as duas comunidades faz com que, no campo da política, ambas sejam facilmente polarizadas com base na religião.

Um dos principais focos de atrito é o consumo de carne de vaca, um animal sagrado no hinduísmo. Em julho de 2018, na cidade de Alwar, no Rajastão (noroeste), uma turba de vigilantes de vacas linchou um homem acusado de fazer contrabando de gado. Quatro atacantes foram condenados a sete anos de prisão.

A animosidade entre hindus e muçulmanos é mais antiga que o próprio país. Em 1948, o ano seguinte à independência da Índia do Império Britânico, **Mahatma Gandhi — que iniciou o movimento anticolonial que promoveu a ideia de uma Índia inclusiva, baseada na unidade e na diversidade, independentemente de castas ou religiões — foi assassinado por um nacionalista hindu**, de seu nome Nathuram Godse.

“O nacionalismo hindu é totalmente diferente, é etno-nacionalista, exclusivo. **A Índia de Gandhi era muito tolerante. Hoje, a ideologia que a mata é representada por Narendra Modi.** Eles desafiam-no, não gostam das suas ideias de não-violência, paz e tolerância. E culpam-no pela partição da Índia”, em 1947, que conduziu à criação de dois Estados soberanos: a Índia e o Paquistão.

Amit Singh não acredita que o BJP vá promover uma alteração da Constituição no sentido de um Estado oficial hindu. “Manter a face para o mundo é muito importante. Eles são realmente bons em relações públicas. **Em muitos países, organizações hindus realizam eventos sobre Gandhi, ioga, Ayurveda, mas ninguém pergunta o que se passa com as minorias na Índia.** Esta forma suave de *Hindutva* é muito perigosa, já que se baseia na projeção da Índia como um *vishvaguru*, como um mestre do mundo. É isto que Narendra Modi e o BJP fazem no exterior.”

Passadeira vermelha estendida em todo o mundo

Nos dez anos que leva como primeiro-ministro, Modi foi oito vezes aos Estados Unidos, sete a França e seis à Alemanha. Visitou também Rússia, China, Reino Unido e Arábia Saudita. **Esteve em Portugal a 24 de junho de 2017.**

Longe vão os tempos em que Washington lhe negou visto, em 2005, por “violações graves da liberdade religiosa”. Modi era ministro-chefe de Gujarat que, em 2002, viveu três meses de violência sectária que as autoridades locais não contiveram.

Um dos mais recentes focos de violência intercomunitária acendeu-se a 3 de maio de 2023, em Manipur (leste), opondo as comunidades kuki (predominantemente cristãs) e meitei (de maioria hindu).

A 13 de julho seguinte, o Parlamento Europeu aprovou uma resolução condenatória da violência. Nesse mesmo dia, em Paris, **o Presidente Emmanuel Macron estendeu a passadeira vermelha a Modi** para uma visita de dois dias em que os dois acertaram a venda à Índia de 26 caças Rafaele e três submarinos Scorpene.

“Quando se trata de direitos humanos e negócios, o Ocidente escolhe os negócios. A ideia dos direitos humanos é promovida pelos Estados Unidos e alguns países europeus, mas diante de interesses comerciais, volta tudo ao normal. A Índia é, hoje, um dos maiores mercados em crescimento. **O Ocidente não olha para a Índia como um lugar cheio de conflitos**”, diz Amit Singh.

“A Índia era a única nação do Sudeste Asiático com uma tradição democrática forte. É ver em redor... Bangladesh, Paquistão, Nepal, Maldivas, Tailândia... Tem a sua própria identidade, mas agora está a desmantelar-se. E o Ocidente nada faz a não ser salvar os seus próprios interesses comerciais. Até certo ponto, sim, são responsáveis.”

Reescrever a história a favor dos hindus

No ano passado, o **Governo de Nova Deli foi acusado de reinterpretar a história do país para acomodar a agenda supremacista hindu após promover uma revisão de manuais escolares**. Foram removidas referências à oposição de Mahatma Gandhi ao nacionalismo hindu e a história dos motins de Gujarat, em 2002, que implicam o primeiro-ministro, foi reescrita.

No mesmo sentido, ciente que as comunidades exaltam-se facilmente com questões religiosas, **Modi não tem enjeitado o recurso à desinformação e à retórica de ódio relativamente aos muçulmanos para galvanizar a sua base eleitoral**.

Em abril passado, num comício no Rajastão, comentou a promessa eleitoral do Partido do Congresso de atacar as desigualdades sociais e defendeu que a oposição tenciona distribuir propriedades de hindus “por aqueles que têm muitos filhos... e pelos intrusos”. “Parece-vos aceitável?”, questionou.

O livro de Amit Singh é um estudo de caso de um episódio passado no ano 2000 que expôs a agressividade hindu — o filme “Água” (2005), projetado para ser rodado em Varanasi, cidade santa para os hindus, nas margens do rio Ganges. Realizado por uma mulher, Deepa Mehta, o filme aborda a condição miserável das viúvas hindus na década de 1930, forçadas à prostituição para sobreviver. **Extremistas hindus sentiram-se ofendidos pelo guião e atacaram o local das filmagens. Toda a produção se deslocou para o Sri Lanka**.

“Embora o filme seja ficção, tem alguma correspondência com a realidade. Mostra que viúvas hindus eram exploradas por brâmanes hindus [uma casta superior] num abrigo. Em Varanasi, existem muitos abrigos para viúvas. Antigamente, muitas iam para lá por não ter mais para onde ir. Não tinham acesso a trabalho nem podiam voltar a casar-se. Ficavam ali até morrerem”, comenta Singh.

“O filme desafia a ideia de *Hindutva* e de uma sociedade assente no domínio das mulheres hindus. Esta tendência política, demonstrada pelos nacionalistas hindus no ano 2000, agora tornou-se um padrão. Com estas forças no poder, vemos muitas coisas a acontecer.”

Singh diz que a poderosa indústria cinematográfica de Bollywood está “controlada ou capturada pelo Governo nacionalista. É extremamente difícil fazer filmes que desafiem a doutrina *Hindutva* partilhada por Modi”. **Algumas películas são claramente**

islamofóbicas, como “The Kerala Story” (2023), que aborda a história de um conjunto de mulheres de Kerala que são coagidas a converterem-se ao Islão e a aderir ao “Estado Islâmico”.

Já em março deste ano, foi lançado “Swatantrya Veer Savarkar”, que glorifica o homem que cunhou o termo *Hindutva*. **“Bollywood voltou-se totalmente contra a ideia de uma Índia unida e diversa.** Tem sido decepcionante. Há exceções, mas a maioria das produções sucumbiu à pressão do Governo.”

A isto acresce a forma como **as autoridades indianas impõem a prática do ioga — uma prática com raízes na religião hindu —, especialmente aos muçulmanos, sob pena de serem acusados de deslealdade à nação.** Amit Singh, que foi professor de ioga em vários países durante 15 anos, conclui: “Quando Modi chegou ao poder, usou o ioga para promover a sua agenda. Não creio que ele seja sincero. **Usou o ioga porque é conhecido em todo o mundo**”.